



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DALMONECHI, O. S. A clínica da análise bioenergética no espaço acadêmico: implantação e desenvolvimento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

A CLÍNICA DA ANÁLISE BIOENERGÉTICA NO ESPAÇO ACADÊMICO: IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Orieta Silvia Dalmonechi

A história deste percurso tem início em agosto de 1977 com a nossa entrada no mundo acadêmico como professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde ainda não havia o curso de Psicologia. Iniciamos lecionando as disciplinas Psicologia da Personalidade e Psicologia Social para os cursos de Serviço Social e Pedagogia.

Em 1980 fomos para São Paulo para cursarmos Psicologia Clínica na PUC-SP, no nível de pós-graduação e foi durante este curso que aconteceu o nosso encontro com W. Reich, e ao voltar, em 1983, para a UFES, iniciamos um trabalho nos níveis do estágio supervisionado, da Extensão e da disciplina Psicopatologia Geral, já no recém implantado curso de Psicologia, trabalho este que acontece até os dias de hoje.

Ao iniciarmos nossos estudos sobre Reich e sua obra três noções nos chamavam a atenção e direcionaram os nossos estudos, até hoje, são elas: ***libertação sexual, repressão e adaptação social.***

Reich (1932) inicia sua análise histórica da repressão sexual, mostrando como nas sociedades de “comunismo primitivo”, existia uma liberdade sexual natural que com a evolução social sofreu uma restrição contínua, repressão e distorção da sexualidade genital. Acompanhando-se de trás para frente a evolução social, chegaremos a um ponto de confluência entre a organização econômica e a organização sexual. Então chega-se a um momento em que a propriedade privada e a divisão em classes se originam a partir da organização sexual. Continuando, Reich nos diz que as primeiras manifestações e tendências possessivas surgem no início da atual economia privada. Nesse ponto, também tem origem as primeiras contradições da comunidade humana. Reich (1932) citando Engels, nos mostra que a primeira oposição de classe, que surge na história, se origina do antagonismo entre homem e mulher proveniente do casamento monogâmico, e dessa situação surge também a primeira opressão de classe. Dessa forma, o casamento monogâmico teria sido um grande progresso histórico, porém, assim como a escravidão e a propriedade privada, se constitui também em uma “regressão relativa”, onde a prosperidade e o desenvolvimento de uns ocorrem à custa da infelicidade e da opressão de outros. Assim, a família monogâmica poderia ser vista como [...] uma imagem em miniatura das mesmas oposições e contradições no meio das quais se move a sociedade dividida em classes desde seu acesso a civilização, sem poder dissolvê-las ou superá-las” (REICH, 1932, p. 154).

Para Reich (1932) a partir do surgimento da propriedade privada, a vida social tem sido



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DALMONECHI, O. S. A clínica da análise bioenergética no espaço acadêmico: implantação e desenvolvimento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

caracterizada pelos interesses econômicos de classe, constituídos pelos proprietários dos instrumentos de produção e pelos interesses antagônicos das classes oprimidas, sendo que na sociedade precedente a esse evento predominavam os interesses sexuais. Nessa estrutura social anterior os interesses dos indivíduos eram de natureza primariamente sexual, os seus desejos eram satisfeitos e as suas necessidades materiais eram modestas. Os interesses possessivos cresciam à medida que os interesses sexuais eram reprimidos. Dessa forma, os interesses psíquicos se tornaram disponíveis para determinada forma de evolução econômica (economia privada), se transformando em interesses de ambição e cobiça e no desejo de acumular. Tais interesses se desenvolveram à custa dos interesses genitais.

Nesse ponto fica claro que, para Reich (1932), a repressão sexual teria ligações com o surgimento da propriedade privada, do casamento monogâmico e da família, que, segundo ele, é a base de todo Estado autoritário. De acordo com a leitura feita por Rouanet (1979, p. 121) as “courageiras musculares” seriam provenientes do próprio caráter, e esse seria “ideologia ossificada” que é reforçada na idade adulta, quando recebe novos influxos da ideologia. Nesse processo “A família aparece [...] como principal transmissora da ideologia, e o indivíduo ideologizado forma sua própria família, que funciona novamente como transmissora de ideologia (junto a escola, igreja, etc.) e como modeladora do caráter autoritário, e que por sua vez vai se constituir em solo para recepção de doutrinas autoritárias” (ROUANET, 1979, p. 101).

Assim sendo, considerando os conflitos de instintos como resultado de um impasse entre as necessidades primárias (como a fome e as necessidades sexuais), e as condições de existência que seriam a economia, influências naturais e tecnologia, poderemos ver claramente a função dominante desempenhada pelas circunstâncias sociais. Da mesma forma, podemos também compreender o problema da relação entre a base sócio-econômica e a superestrutura ideológica da sociedade, no sentido em que a base sócio-econômica só se mantém a partir de uma adequação às forças super-estruturais. Um processo revolucionário só será garantido na medida em que haja um acompanhamento da mudança da base ao nível super-estrutural, isto é, uma transformação sócio-econômica que não seja acompanhada de uma transformação sócio- cultural está fadada a uma absorção pelas forças de reação. A partir dessas colocações podemos afirmar que as condições de existência, só seriam plenamente modificadas a partir de uma transformação que envolva a infra e a super-estrutura.

Considerando duas necessidades primárias do homem que são a fome e a necessidade sexual, e verificando que a primeira não está sujeita à sublimação como a segunda, e que tem que ser bem ou mal satisfeita, vemos que ela não possui a função elaboradamente complexa



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DALMONECHI, O. S. A clínica da análise bioenergética no espaço acadêmico: implantação e desenvolvimento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

que a tendência sexual atinge na formação da estrutura psicológica. Desta forma, assim como se fala em economia do regime alimentar de acordo com a maneira pela qual a sociedade proporciona a satisfação das necessidades nutritivas dos seus membros, podemos também falar em “economia da sexualidade”, que seria a forma como a sociedade regula, encoraja ou inibe a satisfação da tendência sexual. O que verificamos na sociedade capitalista é que assim como a maioria dos seus membros se vê forçada a um regime alimentar desordenado e economicamente desequilibrado, podemos também verificar que todos os membros que dela participam se vêem obrigados a viver num “regime sexual economicamente negativo”. No entanto, devemos ressaltar que enquanto a “economia alimentar negativa” atinge só a uma camada da sociedade (subalternos), a “economia sexual negativa” atinge a todas as camadas (subalternos/dominantes), devido à necessidade da manutenção de uma “moral conservadora”.

Com relação ao que foi dito anteriormente sobre a “economia sexual negativa”, e para melhor esclarecimento desta questão que julgamos da maior importância no desenvolvimento do nosso trabalho, tomamos como referencia alguns pontos da análise feita por Baudrillard (s/d) no que diz respeito ao consumo da sociedade industrial.

Em primeiro lugar Baudrillard (s/d) nos fala que atualmente o corpo foi eleito pela sociedade capitalista como o mais precioso dos objetos de consumo, ocupando dessa forma o lugar que era ocupado pela alma em sociedades anteriores. Isto fica mais fortemente caracterizado, por meio de propostas de “*redescoberta*” e da conseqüente “*liberação*” do corpo. Esta “redescoberta” é promovida pela publicidade, pela moda e pela cultura de massas, e esta atuação se baseia no “mito do prazer”. Assim, parece haver uma oposição entre o “corpo como evidência” (corpo concreto) e o “corpo como fato de cultura” (corpo como valor de troca). O estatuto da propriedade privada que rege a sociedade capitalista se aplica também ao corpo e ao que diz respeito a ele.

Na sociedade regida pelo modo de produção capitalista, a exploração do corpo ocorre em dois níveis: a) pela força do trabalho (corpo como capital); b) como objeto de consumo (corpo como fetiche).

No primeiro nível, a produção capitalista necessita da força de trabalho livre, isto é, homens livres de propriedade (meios de produção) exceto da força de seus músculos, única mercadoria que possuem para vender. Essa é a maneira pela qual a grande maioria dos homens mantém suas vidas. No segundo nível, ou seja, o do “corpo redescoberto”, necessita-se de uma “liberação” para que haja reinvestimento narcisístico e, por conseguinte, a aquisição de mercadorias vendidas no mercado (perfumes, cosméticos, massagens, maquinários, etc.).

A partir desse segundo nível, descrito acima, é que surge o “corpo narcisístico” ou



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DALMONECHI, O. S. A clínica da análise bioenergética no espaço acadêmico: implantação e desenvolvimento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

“funcional”, um corpo que se limita a ser o mais belo dos objetos que se possui, se manipula, se consome psiquicamente. O “corpo funcional” é uma abstração que o torna um “valor de troca”, homólogo do “designer”. Esse corpo é orientado e mantido por uma sexualidade que se funda no “erotismo funcional”, ou seja, no corpo “erotizado” ou corpo de “troca” predomina a função social da permuta. A “sexualidade funcional” é como um conjunto mobiliário moderno (calculado e frio), é como um jogo de cores quentes e frias, porém não se constitui numa frigidez: é uma abstração, uma forma. O “erótico” desse corpo reside nos sinais (forma, linha), e nunca no desejo. Esse corpo é um objeto assexuado, que no consumo, encontra a satisfação da “pulsão de compra”. O corpo “redescoberto” equivale ao montante das mercadorias adquiridas para tal funcionalidade, é regido pelo “princípio formal do prazer” por meio do qual ocorre o “processo de liberação”, que o tornará o mais belo dos “objetos de consumo”, instituindo-se a partir desse “corpo” e desta “sexualidade” um processo econômico de “rendibilidade” (REICH, 1978).

Sob o domínio ideológico da Igreja (ideologia religiosa) o valor fundamental era a **alma**, sendo por isso que toda e qualquer heresia assumia, de certo modo, um tipo de reivindicação carnal. Em torno da **alma**, era organizado todo o esquema individual de salvação, bem como o processo de **integração social**.

Continuando a análise a partir do ponto de vista de Baudrillard (s/d, p. 227), nós não estamos presenciando – hoje – um processo de dessacralização e, sim, um processo de **ressacralização**, pois, “[...] o culto do corpo já não se encontra em contradição com o da alma: sucede-lhe e herda a sua função ideológica”. E é essa herança que nega toda e qualquer caráter subversivo, revolucionário e desmistificador dos valores profanos empregados contra os valores sagrados, os dogmas espiritualistas do passado, de modo que a “redescoberta” do corpo não passa assim, de uma “instância mítica”, um novo esquema de salvação.

O que temos então, é um “corpo libertado” enquanto objeto sinal (forma) e negado enquanto evidência concreta, norteadas pelo desejo. O sinal, que caracteriza o “corpo erótico”, não passa de uma idéia ou objeto parcial hipostasiado. O que não significa nada mais do que o material chamado **alma**. Se a ideologia religiosa estava centrada na **alma**, hoje, percebe-se como o corpo serve às finalidades da sociedade capitalista “[...] enquanto suporte (econômico), como princípio de integração (psicológica) dirigida do indivíduo e à maneira de estratégia (política) de controle social” (BAUDRILLARD, s/d, p. 227).

Ao levantarmos a questão da “economia sexual negativa”, não estamos questionando os aspectos positivos da sublimação da energia sexual principalmente no que se refere as produções culturais/intelectuais, porém essa capacidade de sublimação exige tanto condições



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DALMONECHI, O. S. A clínica da análise bioenergética no espaço acadêmico: implantação e desenvolvimento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

para que possa ocorrer, como um limite a que pode chegar. Quando porém o mecanismo psíquico se encontra de tal modo deformado pela influência de uma educação deficiente (repressiva), que se torna incapaz de utilizar as possibilidades disponíveis, e quando a angústia e a privação provocam sensações muito penosas, então o mecanismo psíquico começa a trabalhar com mecanismos substitutivos, tentando conseguir alívio das tensões a qualquer preço, e daí resultam, as neuroses, perversões, distúrbios do caráter, comportamentos anti-sociais da vida sexual e perturbações na capacidade de trabalho. É justamente isso que ocorre dentro do sistema capitalista, onde existe uma repressão intensa da sexualidade em função da produção ou do trabalho. O homem dentro deste sistema reprime suas necessidades pulsionais, ponto insuportável, pois as energias relativas às pulsões (principalmente da pulsão sexual), devem ser investidas na produção. Assim, visto apenas como instrumento de produção que ao invés de buscar a satisfação das suas necessidades básicas, se “adapta” a fim de satisfazer as necessidades da lei econômica vigente, o homem produto do sistema capitalista deverá ser “normal” a medida em que se anula, se acomoda ou se adapta socialmente, e “anormal” na medida em que não suportando a repressão e a opressão, explode em conflitos que serão rotulados e analisados como distúrbios ou doenças mentais.

Falando à juventude, Reich (1978, p. 134) destaca constantemente a importância da “liberdade” e da “não repressão”, e assim coloca que “O limite da liberdade da atividade psíquica e da crítica pela repressão sexual, é um dos pilares mais importantes da ordem sexual burguesa”.

Freqüentemente ao falar em repressão e liberdade Reich (1978) se coloca em oposição à sociedade capitalista, mostrando que as bases de funcionamento dessa forma de sociedade estão sedimentadas sobre a repressão, opressão, desigualdade e falta de liberdade. Em contraposição, ao falar em uma possibilidade de transformação/libertação, ele afirma que esse fato só seria possível em uma “sociedade socialista”. Nessa forma de sociedade, primeiro seria eliminada a propriedade privada e daí resultariam modificações também nos valores culturais e sociais, podendo então haver uma maior liberação e satisfação dos instintos.

Nesse ponto gostaríamos de fazer uma rápida análise de um ponto que existe em comum nessas duas formas de sociedade e que é a **coerção/repressão**. Tanto na sociedade capitalista quanto na socialista o Estado está presente e, portanto, ocorre a manutenção do poder centralizado. Esse fato garante a existência da coerção/repressão. A voz autorizada do “especialista” da “ciência sexual” garante a existência do mecanismo coercitivo, que por sua vez atua como repressão no nível do indivíduo. A partir dessas colocações parece-nos, num primeiro momento, que Reich (1978) de alguma forma fundamenta sua proposta em uma



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DALMONECHI, O. S. A clínica da análise bioenergética no espaço acadêmico: implantação e desenvolvimento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

possibilidades social que poderia ser denominada de um “utopia política”, e quando desenvolve esta proposta acredita que sua utilização se dará em uma sociedade “transformada”.

Segundo Reich (1979) os indivíduos que vivem em uma sociedade regida pelo modo de produção capitalista, obedecem a uma ordem social repressora que se fundamenta nas “necessidades da lei econômica” e que deixa esses indivíduos, por meio da ação da repressão sexual e da ideologia, impotentes diante dessa situação e submissos uma vez que não podem desenvolver uma consciência crítica dessa situação conflitiva. Nesse sentido, a utilização da proposta reichiana nessa forma de sociedade seria possível somente em um momento que seria o de aquisição dessa consciência crítica. Isso se daria por meio da “politização da vida privada” que dependeria, em primeira instância, de uma “politização da vida sexual”, e o conjunto desses fatos possibilitaria a transformação social.

Nesse momento retomando a idéia de Baudrillard (s/d) do corpo funcional como objeto de consumo, acreditamos que com a proposta de Reich (1979) existe a possibilidade de um trabalho que produza uma volta ao corpo concreto e a conseqüente “libertação sexual”. Para isso, é importante que tal proposta não se perca ante a emergência da “sexualidade funcional” indo servir de base para o aparecimento de uma “ciência sexual” que antes de garantir um processo liberatório, garante sim o processo de liberação do corpo para o fluxo de consumo.

Foi pensando dessa forma que entendemos ser importante a implantação da Clínica Reichiana/Neo-Reichiana no meio acadêmico pois é esse o início da formação dos profissionais que irão trabalhar na área clínica. Para tanto, escolhemos dentre as propostas neo-reichianas a “Análise Bioenergética” pela sistematização teórica e prática constituída por Alexander Lowen (1982), assim como pelo fluxo da formação que se aproxima mais do modelo acadêmico.

Nesse momento contamos com uma média de vinte estagiários (O projeto de Estágio Clínico em Análise Bioenergética estará disponível durante a apresentação no Congresso) e dez extensionistas além de cerca de trinta a trinta e cinco alunos na disciplina Psicopatologia Geral I, sendo que alguns resultados estão sendo mostrados neste Congresso, por alunos e profissionais envolvidos nesse movimento que pulsa dentro do meio acadêmico e faz com que esse meio, extremamente rígido, pulse e receba Reich e os neo-reichianos, e era essa a nossa proposta inicial.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Biblioteca Edições 70, s/d. BROHN,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

DALMONECHI, O. S. A clínica da análise bioenergética no espaço acadêmico: implantação e desenvolvimento. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

J, M. et al. **Reich perante Marx e Freud.** Lisboa: Antídoto, 1978.

GARCIA, Ramon. **Psicoanálisis y sociedade:** apuntes de Freud – marxismo. 2. ed. Barcelona: Anagrama, 1975.

KALIVODA, Robert. **Marx y Freud.** 2 ed. Barcelona: Anagrama, s/d. LOWEN, Alexander. **Bioenergética.** 5 ed. São Paulo: Sumus, 1982.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial.** Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARTINS, José de Souza. **Sobre o modo capitalista de pensar.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1980.

REICH, W. **Análise do caráter.** São Paulo: Martins Fontes, 1979.

_____. **Materialismo dialético e psicanálise.** 3. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1977.

_____. **A irrupção da moral sexual repressiva.** São Paulo: Martins Fontes, 1932.

_____. **O combate sexual da juventude.** 2. ed. Lisboa: Antídoto, 1978.

_____. **A função do orgasmo.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ROUANET, Sérgio. **Imaginário e poder.** 1979. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação da Universidade São Paulo, São Paulo, 1979.

Orieta Silvia Dalmonechi / Vitória / ES / Brasil
E-mail: orieta_dalmonechi@yahoo.com.br